

Cem anos de amor, loucura e morte

Cem anos de amor, loucura e morte

Bruno Ribeiro
Wander Shirukaya
(Organizadores)



© Moinhos, 2017.
© Bruno Ribeiro, 2017.
© Wander Shirukaya, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
Wander Shirukaya
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Wander Shirukaya

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

C387

Cem anos de amor, loucura e morte | Bruno Ribeiro e Wander Shirukaya (orgs.)

ISBN 978-85-92579-71-5

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Contos 2. Horacio Quiroga 3. Ficção I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 108 p.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Belo Horizonte — MG
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

Apresentação	7
100 anos de amor, locura e muerte	9
Alzira	15
<i>Alexandre Willer Melo</i>	
O solitário	20
<i>Tadeu Sarmiento</i>	
Inês é morta	22
<i>Márcia Barbieri</i>	
A festa da galinha degolada	26
<i>André Ricardo Aguiar</i>	
Corpo d'água sobre água	30
<i>Matheus Borges</i>	
O mármore rouba o calor das solas dos pés	35
<i>Cristina Judar</i>	
Sarin	39
<i>André Timm</i>	
Mormaço	42
<i>Irka Barrios</i>	
Esperança	46
<i>Nara Vidal</i>	
Peões do trecho	52
<i>Janailson Macêdo</i>	
César	57
<i>Tiago Germano</i>	

Candiyú	72
<i>Astier Basílio</i>	
Muito bicho lá fora	81
<i>Mariana Travacio</i>	
A Primeira Comunhão	85
<i>Fábio Fernandes</i>	
Luana e Rosa	94
<i>Rinaldo de Fernandes</i>	
Autores convidados	103
Sobre os organizadores	107

Apresentação

Contos de amor, de loucura e de morte, livro que reúne alguns dos relatos mais conhecidos do escritor uruguaio Horacio Quiroga, cumpre 100 anos de existência. O livro foi editado, pela primeira vez, em 1917, quando o autor vivia em Buenos Aires.

Um dos mestres do conto latino-americano, Quiroga foi um escritor de vida trágica e vibrante, dândi, aventureiro, homem da cidade e da selva, que conseguiu suprimir suas experiências em um material literário potente e vívido, Quiroga teve a loucura e a morte tocando na sua porta inúmeras vezes. Sua vida esteve repleta de mortes trágicas que o marcaram, como a do pai, padrasto, irmãos, melhor amigo e esposa. Habitante dessa atmosfera soturna, findou sua própria vida aos 58 anos, ao tomar cianureto em um hospital de Buenos Aires, no dia 19 de fevereiro de 1937, quando já sabia que o seu câncer de próstata era terminal.

Leitor voraz de Poe, Maupassant, Tchêkhov e Kipling, em *Contos de amor, de loucura e de morte*, é possível enxergar essas referências e também ver e se encantar com a forma com que o autor uruguaio consegue deslizar com maestria entre a violência, o amor, o delírio, as realidades paralelas, e até o desconhecido. Quiroga, como todo grande contista, maneja com perfeição cada detalhe da sua obra-prima assombrosa e cheia de camadas e chaves de leitura. Por conta disso, a sua famosa frase do decálogo do perfeito contista faz todo sentido: “não começa a escrever sem saber, desde a primeira palavra, aonde vais. Num conto bem-feito, as três primeiras linhas têm quase a mesma importância das três últimas.”. E ele provou que sabia muito bem o que estava fazendo, assim como os 15 autores que selecionamos para recriar os contos deste seu célebre livro.

Certa vez, Ítalo Moriconi, organizador da famosa antologia *Os 100 melhores contos brasileiros do século*, fora perguntado o porquê da ausência de um nome tão importante quanto Guimarães Rosa em sua seleção. Muitas vezes, nós, leitores, não nos damos conta do processo por trás da organização de uma antologia e de que nem tudo está a favor do antologista. No exemplo citado, a família de Rosa não permitiu a publicação de textos do autor. Se podemos atestar que, devido a adversidades como essas, uma antologia já nasce relativamente incompleta, tentamos em *100 anos de amor, loucura e morte* um enfoque que, ao passo que homenageasse um nome tão importante, trouxesse autores que apresentassem um expressivo leque de representações, sejam elas estilísticas ou relativas às idiossincrasias de cada um. Assim, o leitor encontrará (e esperamos que aprecie) escritores e escritoras do Pará ao Rio Grande do Sul, passando pela Paraíba, Rio de Janeiro e até outros países, como Rússia, Inglaterra e Argentina. LGBTs, mulheres, negros, brancos, mestiços. Autores novos, outros com certa bagagem e premiações.

Esperamos que vocês gostem e consigam adentrar na imaginação peculiar dos que aqui estão, que, com empenho e criatividade, conseguiram recriar um dos livros mais importantes da literatura latino-americana.

Bruno Ribeiro & Wander Shirukaya
Organizadores.

100 anos de amor, locura e muerte

Há cem anos, Horacio Quiroga publicava seu primeiro volume de contos, *Cuentos de amor de locura y de muerte*. Com esse livro, determina seu estilo e o rumo de sua carreira como escritor, escreverá contos perturbadores que desconcertam o leitor.

Nasceu em Salto, Uruguai, em 1878. Morou por muitos anos na região de Misiones na Argentina e morreu em fevereiro de 1937 em Buenos Aires. Sua vida foi marcada por episódios trágicos, acidentes fatais, suicídios, que talvez expliquem sua predileção pela morte violenta que aparece em muitos dos seus relatos. Além de escritor, foi um grande aventureiro, seu desejo era ser um exitoso produtor rural, por isso fixa residência na selva de Misiones que se transformará em seu cenário predileto.

Hoje Quiroga é reconhecido como um dos mestres do conto latino-americano, tanto por seu rigor estilístico como por sua preocupação por sistematizar o relato breve. Porém, nem sempre foi assim. Na sua época, sofreu várias críticas por ter escrito contos inspirados na loucura de Poe e na selva de Kipling. Na opinião injusta de seus colegas de ofício, a morte e a selva se configuram como os únicos eixos ao redor dos quais gira sua contística.

As críticas severas não pararam por aí. O fato de publicar em revistas e jornais que circulavam na Argentina no início do século XX, foi outro aspecto negativo aos olhos da elite letrada. Além de estarem destinados a um público distante daqueles que faziam parte dessa “elite”, transformava o conto em um “produto” vendido aos editores dos periódicos. Quase todos os relatos que compõem *Cuentos de amor de locura y de muerte* apareceram nesses periódicos entre os anos de 1906 e 1914. Esse livro é então uma coletânea organizada de acordo com a combinação dos temas: amor, loucura e morte.

Cem anos nos separam desses percalços na vida do escritor. Hoje celebramos a publicação dessa obra prima da literatura latino-americana. Hoje lemos com lucidez os relatos daquele que foi um pioneiro em muitos sentidos, inclusive quando, mesmo que em tom de ironia, estabelece as normas ou mandamentos para a escrita de um conto, um gênero literário com suas particularidades.

Celebramos essa data com uma proposta ousada: reescrever os quinze relatos que compõem *Cuentos de amor de locura y de muerte*. Quinze contistas aceitaram o desafio e imprimiram nestas páginas suas leituras dos contos de Quiroga. O amor, a loucura e a morte ganham novas cores nos relatos dos escritores do século XXI.

Nos contos de Alexandre Willer Melo e de Quiroga, encontramos histórias de amor. Nébel, personagem de *Una estación de amor*, e Alzira vivem uns amores não correspondidos. O primeiro por questões familiares e sociais, a outra pela sua invisibilidade. Poderíamos até dizer que são como as pessoas comuns, do tipo que não têm novidades para contar no fim do dia: ele segue os padrões determinados pela família, ela confecciona etiquetas. Porém não seríamos justos, cada um tem seu brilho e a sua cor, a dela é o vermelho dos pequenos corações de papel.

O solitário de Tadeu Sarmiento dá continuidade ao de Quiroga. Seu narrador reconstrói a cena do crime, a cidade de Buenos Aires e o sentimento de Kassim ao ver a esposa morta. Kassim, que no conto quiroguiano é um joalheiro de profissão, ganha outros matizes que o tornam ainda mais complexo. Aqui ele vive um impasse: abandonar suas pedras preciosas ou aceitar o convite silencioso dos cavalos.

As histórias se repetem. Usando esse mote, Márcia Barbieri reescreve *La muerte de Isolda*. Talvez as histórias de amor e infortúnio de fato se repitam, mas em *Inês é morta* encontramos algo mais. Essa Inês não chora um amor perdido, ela é a dona de uma história que poderia ser igual a tantas outras, porém, na sua narrativa, é única.

Em *A festa da galinha degolada*, André Ricardo Aguiar intensifica a sensação de repulsa ao descrever a imagem dos irmãos sentados em um banco no quintal. São quatro irmãos idiotas, a vergonha da família, e uma irmã saudável, cinco animaizinhos de um matrimônio infeliz e a festa é dela, da galinha degolada.

O conto de Matheus Borges desliza ao sabor da correnteza. Seu barco suicida vaga pelas águas sem destino certo, é um corpo que carrega muitos outros, mas também é carregado por outros. *Corpo d'água sobre água*: habitat de milhões de microorganismos ansiosos por retornar ao mar.

Cristina Judar, em *O mármore rouba o calor das solas dos pés*, toma os personagens de *El almohadón de pluma* e os coloca no meio de uma cidade moderna, agitada; uma cidade na qual se morre um pouco a cada dia para manter a vida luxuosa de alguns iluminados por um milhão de watts; uma cidade alucinatória que causa vertigens e lembra a cada instante que os seres de carne como Alícia e Jordán estão presos ao chão e jamais poderão voar.

Em *Sarin*, conto de André Timm, o veneno não é expelido de uma serpente como em *A la deriva*. O veneno está no ar, é inspirado com partículas dos mortos e escombros de uma cidade em guerra. Nesse cenário se encontram seus personagens, uma mãe e seus filhos que caminham sem rumo, à deriva, tentando escapar dos bombardeios.

Assim como em outros contos de Quiroga, a morte é o centro em torno do qual gravitam outros assuntos. Dessa forma se desenrola a história trágica do menino e do *Mormaço*. Nele, Irka Barrios recria a sensação sufocante de *La Insolación* e descreve, desde a perspectiva de uma criança, os sintomas de uma febre que se configura não só como causa, mas também como metáfora da morte.

Em *Esperança*, Nara Vidal escolhe a perspectiva dos animais para reescrever *El alambre de Púa*. São eles que escutam e contam histórias, perpetuando assim antigas lendas, histórias de preguiçoso porque não explicam a razão das coisas, como a

do touro que não conhecia fronteira alguma e do menino que não sabia o que era regra nem limites.

O relato de Janailson Macêdo, *Peões do trecho*, explora uma das temáticas principais da contística quiroguiana: a exploração da mão-de-obra de trabalhadores rurais que vivem em condições subumanas em um lugar cuja lei é a do dono da terra. Inspirado em dois dos mais conhecidos contos de Quiroga, *Los Mensú e Los desterrados* (que integra o livro de mesmo título publicado em 1926), seus peões também fogem da condição de escravos, fogem da mira certa de patrão. Para onde? Para esses homens não existe outro lugar, em qualquer parte estarão na mesma situação de miséria.

Yaguaí, um conto sobre cães e calor, é reelaborado por Tiago Germano em *César* e o fox-terrier de Quiroga se converte em um dachshund, expatriado da brisa do mar para o calor sufocante em um apartamento de quarto e sala. Esse pequeno cão, ganha vida no relato do seu dono que descreve as mudanças no comportamento da sua mascote. O animalzinho dócil, obediente, quase humano, vira uma fera quando se descobre caçador de lagartixas. Esse relato ainda nos remete a um sentido que está latente em muitos dos contos quiroguianos ao lembrar que somos todos animais e que na selva, seja vegetal ou de concreto, vale a lei do mais forte.

Em *Candiyú*, Astier Basílio começa seu relato citando um dos preceitos do decálogo do perfeito contista, chama a atenção para uma das obsessões de Quiroga: a construção do conto perfeito, trabalho que deveria ser lapidado como em *Los pescadores de vigas*. Basílio ainda expõe a complexa relação entre os imigrantes vindos da Europa e os habitantes das terras de Misiones, assunto presente no relato quiroguiano, e acrescenta outras complexidades quando atualiza essa mesma temática e a adapta aos dias atuais.

Nos contos de Quiroga a selva é deslumbrante, porém hostil para o homem, por isso aquele que invade esse lugar sagrado é vitimado por serpentes, abelhas venenosas, formigas carnívoras,

como o que aconteceu com Benincasa de *La miel Silvestre*, que estaria melhor se não tivesse saído de casa. É mais seguro ficar em casa porque há muito bicho lá fora, é isso que pensa a mãe do relato de Mariana Travacio, *Muito bicho lá fora*. Ela, que já fora vítima dos bichos, protege desesperadamente, e talvez em vão, seus filhos dos inimigos diminutos que estão em todo lugar. Sua casa é uma fortaleza contra os bichos que estão lá fora.

As travessuras de uma criança que experimenta o mundo adulto de *Nuestro primer cigarro* são reinterpretadas em *A Primeira Comunhão* de Fábio Fernandes. Ambientado em um futuro talvez distante, o que podia ser o relato de uma catástrofe ganha suavidade na voz de uma criança que descobre a sensação embriagadora quando fuma seu primeiro cigarro.

Rinaldo Fernandes, em *Luana e Rosa*, recupera o leitmotiv do conto quiroguiano e recria o clima alucinatório de *La Meningitis y su sombra*. Em ambos os relatos, os personagens se vêem envolvidos em uma situação constrangedora: são vítimas dos delírios de uma moribunda.

Estes são os quinze relatos inspirados em *Cuentos de amor de locura y de muerte*. Seja no quintal ou cômodos de uma casa, na rua ou praça de uma cidade, no pátio de uma fazenda ou no meio do mar, o amor, a loucura e a morte estão à espreita, como uma serpente venenosa estão esperando a oportunidade para dar o bote fatal.

Maria Luiza Teixeira Batista
Professora de Literatura Hispano-Americana
no Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol
da Universidade Federal da Paraíba.

